



JEDIEL DA ROSA RIBEIRO

**PESQUISA SOBRE
O BUDISMO**

GASPAR/SC
OUTUBRO DE 2021



SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| O Budismo..... | 3 |
| A relação entre Budismo e Hinduísmo..... | 3 |
| A vida de Buda..... | 3 |
| A lei do Carma..... | 5 |
| A visão da humanidade..... | 5 |
| A Atividade social no Budismo..... | 7 |
| O reavivamento..... | 8 |
| As 4 Nobres verdades sobre o sofrimento..... | 9 |
| O caminho das 8 vias..... | 10 |
| Prajna..... | 10 |
| Sila..... | 10 |
| Samadhi..... | 11 |
| Nirvana..... | 12 |
| Os 5 mandamentos..... | 12 |
| O culto..... | 12 |
| Os Deuses e a vida religiosa..... | 14 |
| Os monges e as monjas..... | 15 |
| O leigo (Mahayana, Theravadas e Bodhisattvas)..... | 16 |
| A difusão do Budismo..... | 17 |
| Índia..... | 17 |
| Sri Lanka e Sudeste da Ásia..... | 17 |
| China..... | 18 |
| Coreia e Japão..... | 19 |
| Tibete..... | 19 |
| Lista com países Budistas (% de Budistas)..... | 20 |



O BUDISMO

É uma religião india baseada nos ensinamentos de Sidarta Gautama, conhecido como o Buda. Atualmente é a quarta maior religião do mundo, com mais de 520 milhões de seguidores (cerca de 7% a 8% da população global), conhecidos como budistas. No Brasil, segundo o censo de 2010, residem aproximadamente 245mil budistas.

O Budismo foi introduzido no Brasil no começo do século XX. No dia 18 de Junho de 1908, chegava ao Brasil Tomojiro Ibaragui, mais conhecido como Ibaragui Nissui, o primeiro monge budista do Brasil. A filosofia é difundida desde então em todo o país, muito em função pela grande imigração japonesa, que tem como religião principal o budismo. Os principais templos budistas do Brasil estão localizados em Três Coroas (RS), e o Templo Zu Lai em Cotia (SP).

A RELAÇÃO ENTRE BUDISMO E HINDUÍSMO

O Budismo e o Hinduísmo são duas tradições religiosas e filosóficas que surgiram na região da Índia. As duas apresentam muitas semelhanças nas crenças, como os conceitos de dharma, karma e samsara.

No entanto, as principais diferenças se dão no terreno das práticas. No hinduísmo existe a busca da consciência em Deus e consequente adoração das divindades como caminho da salvação, o que é muito diferente da busca pela iluminação espiritual budista.

Entre as práticas do hinduísmo está a divisão da sociedade hindu pelo sistema de castas, o que diverge do conceito de igualdade entre os seres defendido pelos budistas. O Hinduísmo seria anterior ao Budismo, tendo já mais de quatro mil anos.

A VIDA DE BUDA

De acordo com a narrativa convencional, o Buda nasceu em Lumbini (hoje, patrimônio mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) por volta do ano 566 a.C. e cresceu em Kapilavastu: ambos, atuais



localidades nepalesas. Logo após o nascimento de Sidarta, um astrólogo visitou o pai do jovem príncipe, *Suddhodana*, e profetizou que Sidarta ou iria se tornar um grande rei, ou renunciaria ao mundo material para se tornar um homem santo se, porventura, visse a vida fora das paredes do palácio.

O rei *Suddhodana* estava determinado a ver o seu filho se tornar um rei e, assim, impediu que ele saísse do palácio. Mas, aos 29 anos, apesar dos esforços de seu pai Sidarta se aventurou por além do palácio diversas vezes. Em uma série de encontros (em locais conhecidos pela cultura budista como “quatro pontos”), ele soube do sofrimento das pessoas comuns, encontrando um homem velho, um outro doente, um cadáver e, finalmente, um asceta sadhu, representando a busca espiritual. Essas experiências levaram Gautama, finalmente, a abandonar a vida material e ir em busca de uma vida espiritual.

Quando tinha 35 anos de idade, Sidarta sentou-se embaixo de uma figueira-dos-pagodes (*Ficus religiosa*) hoje conhecida como árvore de *Bodhi*, localizada em Bodh Gaya, na Índia, e prometeu não sair dali até conseguir atingir a iluminação espiritual.

A lenda diz que Sidarta conheceu a dúvida sobre o sucesso de seus objetivos ao ser confrontado por um demônio chamado Mara, que simboliza o mundo das aparências, a tentação, comparado ao papel de Satanás no cristianismo, e muitas vezes representado por uma cobra naja. Mara teria oferecido todos os tipos de prazeres e tentações a Sidarta, que, implacavelmente, repeliu Mara. Vencido Mara, Sidarta acordou para a Verdade, a Verdade da origem, da cessação e do caminho que levava ao fim do sofrimento, e se iluminou. Assim, por volta dos quarenta anos, Sidarta se transformou no Buda, o Iluminado.

Logo, atraiu um grupo de seguidores e instituiu uma ordem monástica. A partir de então, passou seus dias ensinando o dharma, viajando por toda a parte nordeste do subcontinente indiano. Ele sempre enfatizou que não era um deus e que a capacidade de se tornar um buda pertencia ao ser humano. Faleceu aos 80 anos de idade, em 483 a.C., em Kushinagar, na Índia.



Ao escrever uma biografia sobre Buda, Karen Armstrong disse: “É obviamente difícil, portanto, escrever uma biografia de Buda, atendendo aos critérios modernos, porque temos muito pouca informação que pode ser considerada ‘histórica’... mas podemos estar razoavelmente confiantes, pois Siddharta Gautama realmente existiu e os seus discípulos preservam a sua memória, sua vida e seus ensinamentos.

A LEI DO CARMA

No budismo, o Carma é a força de samsara sobre alguém. Boas ações e/ou ações ruins geral “sementes” na mente, que virão a aflorar nesta vida ou em um renascimento subsequente. Com o objetivo de cultivar as ações positivas, o silá é um conceito importante do budismo, geralmente traduzido como “virtude”, “boa conduta”, “moral”, e “preceito”.

O carma na filosofia budista, refere-se especificamente a essas ações que brotam da intenção mental e que geram consequências (frutos) e/ou resultados. Cada vez que uma pessoa age, há alguma qualidade de intenção em sua mente e essa intenção muitas vezes não é demonstrada pelo seu exterior, mas está em seu interior e determinará os efeitos dela decorrentes.

A VISÃO DA HUMANIDADE

Ao diagnosticar a sociedade contemporânea, Dalai Lama expõe a concepção daquilo que denomina de Responsabilidade Universal. Segundo Dalai Lama, “todos os seres humanos querem ser felizes e se afastar do sofrimento”. O tema da felicidade, para Dalai Lama, ganha dimensão social a partir da concepção de que a felicidade de uma pessoa depende da felicidade alheia, ou seja, de boas relações interpessoais e sociais. Sendo assim, cada um tem a responsabilidade pela felicidade coletiva. Dalai Lama, por isso, ressalta: “quanto mais dependermos dos outros, maior será o nosso interesse em assegurar o bem-estar deles”.

Nesse sentido, Dalai Lama (1992, p. 3) aponta para a necessidade de um desenvolvimento humano altruísta, por meio do qual, “cada um de nós terá de



aprender a trabalhar não apenas para si, sua família ou país, mas em benefício de toda a humanidade". Essa noção de responsabilidade universal, segundo Lama Padma Samten (2005, p. 15-16), decorre da compreensão inicial de que todos os seres são interdependentes:

Por exemplo, a roupa que usamos não foi feita por nós, a comida que comemos não foi plantada por nós. Mesmo que tenha sido plantada por nós, ela foi gerada por outros seres, capazes de fazer coisas que nós não fazemos, como, por exemplo, a fotossíntese. Não somos capazes de retirar nutrientes do solo, do ar, de sintetizar proteínas, armazenar energia na forma de carbono, etc., para produzir o alimento. Nós não sabemos como fazer isso.

Entretanto, segundo Dalai Lama, com a urbanização crescente da sociedade moderna, as pessoas deixam de contar umas com as outras para obter ajuda e apoio; no lugar disso, passam a valer-se de máquinas e de serviços remunerados. A vida pessoal passa a ser organizada de tal forma que a dependência direta de outrem seja a menor possível, assim, a ambição dos indivíduos é ter sua própria casa, seu próprio carro, seu próprio computador para serem o mais independentes que puderem uns dos outros. Disto decorre, segundo Dalai Lama (2006), percebermos inúmeros fenômenos, tais como, a solidão de indivíduos que vivem em grandes cidades, apesar de estarem cercadas por inúmeras outras pessoas, os idosos que frequentemente são acompanhados apenas pelos seus bichos de estimação, as crianças que vivem nas ruas, os mendigos, etc.

Segundo Sua Santidade Dalai Lama (2006): A sociedade industrial moderna às vezes dá a impressão de ser uma imensa máquina autopropulsionada. Em vez de os seres humanos acionarem a máquina, cada indivíduo torna-se um pequeno componente insignificante sem outra opção a não ser mover-se quando a máquina se move. O que gera essa situação é a retórica contemporânea de crescimento e desenvolvimento econômico, que reforça intensamente a tendência das pessoas para a competitividade e a inveja.

Comentando o pensamento de Dalai Lama, Lama Samten explica que o referencial não é a felicidade ou o equilíbrio das pessoas ou das nações, ou mesmo



a sustentabilidade, mas sim, a especialização alienante. Neste processo, cada um cuida de uma parte em um grande processo.

A ATIVIDADE SOCIAL NO BUDISMO

Na atualidade, destaca-se no âmbito budista a formação de movimentos concentrados nos praticantes leigos, que estão desenvolvendo formas distintas de praticar o dharma. Dentre as características desse “novo budismo” leigo, destacam-se também a igualdade entre homens e mulheres, a utilização da meditação aplicada à vida cotidiana e o engajamento social e político destaca, ainda, a “racionalização da vida religiosa”, que envolve a redução de rituais mágicos e de devoção. (AVELINE, 2011, p.40)

O aspecto central da justificativa budista para a ação social é a noção de interdependência, a forma como todos os fenômenos são intrinsecamente interconectados e afetam uns aos outros. Para os budistas engajados, isso se traduz em uma preocupação com a responsabilidade social. A compreensão, por exemplo, de que o futuro do budismo, e da própria humanidade, depende da superação de obstáculos presentes no pensamento contemporâneo centrados no individualismo e no consumo de massa. 23 A sociedade de risco poderia pôr fim à própria existência humana e, logo, a existência da própria tradição budista. O engajamento tem como pano de fundo a utopia de propor novos valores para uma nova era e a salvação espiritual da humanidade (AVELINE, 2011, p.52).

Ao chegar à China, por exemplo, o budismo mahayana (proveniente da Índia) absorveu características do taoísmo chinês, dando origem ao Chan/Zen. Ao chegar ao Tibete, o budismo acolheu características do Bon, religião nativa do Tibet, dando origem ao budismo tântrico vajrayana. Ao chegar ao Ocidente, o budismo naturalmente colheu características do judaísmo e do cristianismo, assumindo, dentre outros elementos, um engajamento social

Em contrapartida, alguns mestres trazem consigo uma tradição de engajamento budista, que entra em direto contato com a tradição de serviço social aqui existente e se amplia. Nesse sentido, por exemplo, muitos dos alunos de Thich



Nhat Hanh no Ocidente já tinham experiência em atuação social em áreas como serviço social e outras. O mestre vietnamita, entretanto, agregou aos conhecimentos dos seus alunos a noção budista da não-dualidade. Ensinou a eles que no trabalho social não se deve assumir o lado dos pobres contra os ricos como forma de buscar justiça social. “Os ricos também sofrem”, explicou Hanh. A visão dualista apenas amplia o sofrimento, por isso, propôs que o trabalho tivesse como principais “armas”, o amor e a compreensão (AVELINE, 2011, p.61).

O REAVIVAMENTO

No século 19, um movimento budista nacional começou como uma resposta ao proselitismo cristão, e foi fortalecido pelos resultados do Panadura debate entre padres cristãos e monges budistas, como Migettuwatte Gunananda Thera e Hikkaduwe Sri Sumangala Thera o que foi amplamente visto como uma vitória para os budistas. Em 1880 Henry Steel Olcott chegou ao Sri Lanka com Madame Blavatsky do Sociedade Teosófica; ele se inspirou quando leu sobre o debate sobre a Panadura e depois de aprender sobre o budismo convertido à religião. Olcott e os líderes budistas cingaleses fundaram a Sociedade Teosófica Budista em 1880, com o objetivo de estabelecer escolas budistas (havia apenas três na época; em 1940, havia 429 escolas budistas na ilha). A sociedade também tinha suas próprias publicações para promover o budismo; o jornal cingalês, Sarasavisandarasa, e sua contraparte em inglês, O budista. Como resultado de seus esforços, Vesak tornou-se feriado público, registros budistas de casamento foram permitidos e o interesse pelo budismo aumentou. Outra figura importante no avivamento é Anagarika Dharmapala, inicialmente intérprete de Olcott, que viajou pela ilha pregando e escrevendo. Depois de viajar para a Índia, ele estabeleceu a Sociedade Maha Bodhi em 1891, cujo objetivo era reviver o budismo na Índia e restaurar os antigos santuários budistas em Bodh Gaya, Sarnath e Kushinara. Seus esforços viram a restauração desses locais e uma renovação do interesse pelo budismo entre alguns indianos. As associações do avivamento budista também contribuíram muito para a publicação de textos budistas e promoção de estudos budistas. Eruditos budistas reavivalistas incluem Sir D. B. Jayatilaka, F. R. Senanayake, Walisinghe Harischandra e W. A. de Silva. Vários



santuários budistas também foram reconstruídos. Os líderes budistas também foram ativos no movimento pela independência do Sri Lanka. Desde a independência, o budismo continuou a prosperar na ilha.

AS 4 NOBRES VERDADES SOBRE O SOFRIMENTO

O ensinamento principal do budismo é instruir o homem ao desejo de, em qualquer circunstância, *fazer o bem e não o mal*.

Porém, os ensinamentos de Buda (Dharma) são muito mais profundos e têm por objetivo ajudar aos seus seguidores a alcançar a plenitude da vida real através das *4 Nobres Verdades*. São elas:

1. A insatisfação existe (*Nobre Verdade do Sofrimento*)

A vida como a conhecemos é finalmente levada ao sofrimento e/ou mal-estar (*dukkha*), de uma forma ou outra;

2. Há causas que geram a insatisfação (*Nobre Verdade da Causa do Sofrimento*)

O sofrimento é causado pelo desejo (*trishna*). Isso é, muitas vezes, expressado como um engano agarrado a um certo sentimento de existência, a individualidade, ou para coisas ou fenômenos que consideramos causadores da felicidade e infelicidade. O desejo também tem seu aspecto negativo;

3. A insatisfação pode ser resolvida (*A Verdade da Extinção do Sofrimento*)

O sofrimento acaba quando termina o desejo. Isso é conseguido através da eliminação da ilusão (*maya*). Assim, alcançamos o estado de libertação do iluminado (*budhi*);

4. O caminho Óctuplo de Buda - a solução prática para a insatisfação

Esse estado é conquistado através dos caminhos ensinados pelo Buda.

A meta do budismo é a *superação do sofrimento (dukkha)* causado pelo desejo e pela *ignorância* em relação à verdadeira natureza da realidade, formada pela *impermanência* e pela *inexistência da alma* dos seres vivos. A maioria das



tradições budistas se concentram na superação do eu individual através da conquista do nirvana ou da busca do caminho de Buda, o que levava ao fim do ciclo de morte e renascimento. As escolas do budismo divergem em suas interpretações sobre a natureza exata do caminho para a libertação, a importância e a canonicidade dos textos budistas e, especialmente, seus ensinamentos e suas práticas. Entretanto, as bases de todas as tradições e práticas são as três joias: o Buda (o mestre), o *dharma* (os ensinamentos baseados nas leis do universo) e a *sangha* (a comunidade budista). Encontrar refúgio espiritual nas Três joias ou Três Tesouros é, em geral o que distingue um budista de um não-budista. Outras práticas incluem a renúncia à vida secular para se tornar um monge (*bhikkhu*) ou monja (*bhikkhuni*), a meditação e o cultivo das paramitas.

O CAMINHO DAS 8 VIAS

Prajna

É a sabedoria que purifica a mente, permitindo-lhe atingir uma visão espiritual da natureza de todas as coisas. Engloba:

1. drsti (*ditthi*): *ver a realidade como ela é, não apenas como parece ser.*

Para Buda, devemos enxergar tudo à nossa volta como um grande sistema, em que dependemos uns dos outros, para assim alcançar a harmonia e a compreensão de que nada nem ninguém é fixo;

2. samkalpa (*sankappa*): *a intenção de renúncia, de liberdade e inocuidade.*

Buda ensina que todo indivíduo deve questionar se o que você faz é fruto do ego e se essas ações afetam negativamente outras pessoas

Sila

É a petica ou moral, a abstenção de atos nocivos. Engloba:

3. Vāc (*vāca*): *falando de uma maneira verdadeira e não ofensiva;*

Para o budismo, tudo o que é dito constitui o ser, por isso, todo indivíduo deve ser cauteloso com o que externaliza para o outro através da fala



4. *karman* (*kammanta*): agir de uma maneira não prejudicial;
Para Buda, qualquer ação não pode ser prejudicial para outra pessoa, nem mesmo que de forma indireta
5. *ājīvana* (*ājīva*): o meio de vida deve seguir os preceitos citados anteriormente.
Buda ensina que o trabalho de qualquer indivíduo deve ser sempre um meio de ajudar a si mesmo e outras pessoas e nunca prejudicar

Samadhi

É a disciplina mental necessária para desenvolver o domínio sobre a própria mente. Isso é feito através de práticas. Engloba:

6. *vyāyāma* (*vāyāma*): fazer um esforço para melhorar;
Este ponto fala principalmente sobre largar atitudes nocivas que remetem a negatividade, como vícios, por exemplo
7. *smṛti* (*sati*): ver as coisas como elas estão com a consciência clara da realidade presente dentro de si mesmo, sem desejo ou aversão;
Um dos pontos principais do budismo é estar consciente de todas as ações do corpo e da mente. Também é chamada de atenção plena e significa estar vivendo o presente, o agora, em qualquer ação do dia a dia
8. *saṃādhi* (*saṃādhi*): meditar ou concentrar-se de maneira correta.
Através desta meditação, segundo Buda, é possível chegar a gratidão e a contemplação da sua própria existência, de maneira real e consciente
A prática do Caminho Óctuplo é compreendida de duas maneiras: desenvolvimento simultâneo dos oito itens paralelamente, ou como uma série progressiva pela qual o praticante se move, ao conquistar um estágio. Contudo, os quatro nikāyas principais e o Caminho Óctuplo, geralmente, não são ensinados para leigos e são pouco conhecidos no Extremo Oriente.



NIRVANA

É a meta do budismo, É o apagar do fogo das paixões e a extinção do ego, É não necessitar mais reencarnar, É o que todo budista procura por toda vida, a paz absoluta, É o que faz do homem comum um Buda, É a iluminação, É a extrema paz.

OS 5 MANDAMENTOS

1. O caminho para a libertação do sofrimento do indivíduo está na autoconsciência, nas práticas meditativas e em fazer o bem a si mesmo e ao outro
2. O budismo também acredita no ciclo da encarnação e reencarnação, o chamado Samsara.
3. A filosofia aplica a lei do Karma, pregando que todas as ações geram consequências boas ou ruins para esta e outras reencarnações
4. Ensina que o indivíduo é capaz de desconstruir as raízes e as causas do seu sofrimento ao controlar sua mente, entendendo que nada na vida é fixo ou permanente, alcançando a felicidade plena
5. E o principal objetivo da doutrina é fazer com que cada um de seus seguidores encontre “o despertar” através do Nirvana, como Buda alcançou

O CULTO

A história da Dinastia Maurya remonta ao século III a. C., quando o império do rei Asoka (268-232 a. C.), com capital em Pataliputra, alcançou sua máxima extensão a custa de muitas vidas. Os relatos dão conta de que o rei Asoka teria ficado perturbado com a perda de tantas vidas e, convertendo-se ao budismo, ele prometeu “trabalhar para o bem-estar público e para que os sujeitos sejam felizes e alcancemos céu”

A conversão para o budismo teria ocorrido após Asoka ter contato com um ensinamento do Buda, em que o mesmo afirmara:



A vitória gera ódio. A derrota cria sofrimento. O sábio não deseja nem vitória nem derrota. Raiva gera raiva. Aquele que mata será morto. Aquele que vence será derrotado. A vingança somente pode ser superada através do seu abandono. O sábio não deseja nem vitória nem derrota.

Seguindo o dharma, Asoka tornou-se uma das figuras mais significativas do budismo. Durante seu reinado estiveram presentes características de um engajamento social e político em um budismo ainda jovem. Através do seu apoio, os principais centros budistas se ampliaram com novos monastérios. Consta que ele fundou oitenta mil monastérios e que seu filho levou o budismo para o Ceilão, onde passou a florescer. Asoka também contribuiu para que o budismo alcançasse a Birmânia, o Sião e o Tibete, mas tarde chegando também na China e no Japão.

Nesse período, grande importância teve a aplicação do dharma para regular uma sociedade com base no bem-estar social e tolerância, promulgados em editos plurilíngües gravados em pilares de pedra e em rocas por toda a Índia. Ele editou as “leis de piedade”, enumerando-as da seguinte forma: “(1) obediência aos pais e aos idosos; (2) liberalidade em relação aos amigos, parentes, brahmans e ascetas; (3) respeito pela vida; (4) evitar mau humor e excessos de qualquer tipo”.

Das suas leis destacava-se a importância dada por ele para a tolerância, o que estava baseado na proibição budista do uso de violência. Neste sentido, o rei Asoka declarava que todos os indivíduos eram suas “crianças”. Para fazer cumprir suas leis, ele instituiu oficiais especiais, cuja função era de fiscalização.

Além disso, Asoka enviou missões budistas ao Sri Lanka, Bactria (atual Afeganistão), Síria e Alexandria através das rotas comerciais terrestres e marítimas. Segundo Küng.

Asoka foi responsável por transformar o budismo em uma religião do Estado: Ashoka, que é também o representante da centralização e do nivelamento, é algo assim como um imperador Constantino budista, por meio de quem o budismo, dentro e fora da Índia, passou a ser uma religião do Estado, do culto e do povo, com relíquias e crenças em milagres.



Em decorrência disso, o budismo passou também por um processo que Küng, denomina de “mudança da constelação global”, deixando de ser uma religião predominantemente de elite da comunidade primitiva para passar a ser uma religião das massas dos países budistas, com cultos, ritos e cerimônias evoluídos.

OS DEUSES E A VIDA RELIGIOSA

É inegável que o budismo traz consigo uma série de elementos do “hinduísmo”, tais como a questão da reencarnação, dos deuses, da meditação. Em contrapartida, o budismo inovou ao ignorar o regime das castas, pois para o Buda, a libertação da alma é um potencial humano que está em todos. Contextualizar esses aspectos sob o ponto de vista histórico é relevante para a compreensão do movimento budista engajado na atualidade, possibilitando identificar o que é novo no engajamento budista e o que se mantém desde os tempos do Buda.

As crenças dos arianos tinham ligação com religiões indo-européias, como a grega, a romana e a germânica. A cultura ariana estava baseada em um grupo de textos antigos – chamados Vedas 8 – que eram tidos como revelações divinas. O mais antigo Veda encontrado se chama Rigveda Samhita, o qual descreve um mundo de muitos deuses aos quais se ofereciam elaborados sacrifícios públicos. O Livro dos Vedas consiste em quatro coletâneas, das quais certas partes datam de cerca de 1500 a. C.

O sacrifício tinha por fim refazer o ser primordial e conduzir deste modo os seres separados uns dos outros à sua unidade primitiva. Na religião védica, os deuses recebiam ofertas pelos homens, retribuindo a eles proteção e ajuda. Os rituais religiosos eram baseados no sacrifício pessoal e dos animais e envolviam rezas e oferendas; o fogo sagrado simbolizava a ligação entre o praticante e o divino. Assim como os deuses da Grécia antiga, os deuses védicos andavam entre os humanos e intervinham nas questões humanas.

Uma vez que os arianos alcançaram o Ganges e, talvez por causa do seu contato com as culturas indígenas, as noções védicas começaram a se transformar em direção ao brahmanismo. Os brahmans ao mesmo tempo em que preservaram



os rituais védicos e práticas de sacrifício, tomaram elementos de crenças religiosas sobre deuses que foram objeto de cultos locais e integraram-nos ao panteon védico, mantendo sua essência, porém modificando-os para se adaptarem ao seu novo contexto. A partir daí, passou a figurar Vishnu e seus múltiplos avatars, Siva, seus vários aspectos e freqüentemente Brahma.

Assim, a paisagem espiritual pré-budista era composta por pessoas, alguns brahmans outros não, que buscavam a solução para o enigma da existência. Abandonando o mundo e as preocupações mundanas, eles foram chamados de renunciantes ou ascetas. Frequentemente eram solitários, itinerantes monges mendicantes. Muitos buscando apenas seu próprio avanço psíquico e o domínio da mente seguiam a prática do asceticismo. Essa disciplina extremamente antiga, que é mencionada nos textos védicos, é que procurava proporcionar o controle das funções e necessidades vitais. Outros seguiam yoga.

O século VI a. C., quando o Buda e a sua religião fizeram sua primeira aparição, foi um período marcado por intensa atividade espiritual por toda a Ásia, desde as regiões mais ao leste da Grécia até a China.

Na época do Buda, as populações de Hastinapura, Shravasti, Kaushambi, Varanasi e Pataliputra, na atual Índia, eram centros de poder político, militar e econômico. As cidades estavam rodeadas de impressionantes fossos e muralhas. Em contrapartida, havia imensa capacidade artística por parte dos construtores e a arquitetura era opulenta.

OS MONGES E AS MONJAS

Bico (*bhikkhu* em páli) são, no budismo, os monges do sexo masculino. As monjas recebem o nome de **bicunim** no português de Goa (*bhikkhunī* em páli). Bicos e bicunins obedecem a uma série de preceitos monásticos, cujas regras básicas são chamadas de *patimokkha*. Seu estilo de vida é moldado de forma a permitir as práticas espirituais, que são essencialmente a simplicidade e a vida meditativa, até atingir o nirvana.



O monaquismo foi introduzido no budismo no início da sua história, mas aplicou-se, num primeiro tempo, apenas aos homens. Gautama Buddha aceitou que as mulheres pudessem ser monjas, designadas como bicunim. A ordenação normalmente não é imediata: quem quiser tomar votos, tem de ser, primeiro, noviço, dito *samanera*. A partir dos 20 anos, é possível se fazer os votos de bico.

Tal designação é mais comum dentro da tradição teravada. Há monges em outras tradições budistas, como no budismo japonês, que têm a possibilidade de casar-se e assumir atividades profissionais.

Na tradição budista, as mulheres consagradas à vida monástica recebem o nome de **bhikkhuni** (Pāli) ou **bhikṣuṇī** (sânsrito) e seguem a Regra Vinaya como disciplina. As bhikkhuni têm ampla presença em terras cujo ramo predominante é o Mahayana, como Coreia, Vietnã, República Popular da China e Taiwan.

De acordo com os textos sagrados budistas, a ordem das bhikkhuni foi fundada por Buda, em atenção ao pedido insistente de sua mãe adotiva Mahapajapati Gotami, que teria sido a primeira mulher de vida consagrada do Budismo. As monjas budistas guardam oito mandamentos, conhecidos como Garudhammas. Entre eles, está o preceito de reverenciar os monges e a proibição de admoestá-los.

O LEIGO (MAHAYANA, THERAVADAS E BODHISATTVAS)

A escola **Mahayana** foi criada por pessoas leigas e comuns que acreditavam em dois pontos principais: o poder da compaixão e que cada indivíduo carrega dentro de si o potencial para o estado Buda.

Diferente dos **Theravadas**, os Mahayanistas acreditam que os seguidores podem buscar a iluminação através de outros seres superiores, os chamados **bodhisattvas**. Eles são seres humanos que estão prestes a atingir o seu estado iluminado, mas adiam essa iluminação para ajudar outros seres.



Ela foi implementada no norte da Ásia e foi através desta escola que surgiram tradições importantes como o *Zen Budismo*, *Budismo Tibetano*, *Budismo Terra Pura* e *Budismo Tântrico*

A DIFUSÃO DO BUDISMO

Índia

A partir do seu local de nascimento no nordeste indiano, o budismo espalhou-se para outras partes do norte e para o centro da Índia. Durante o reinado do imperador máuria Asoka, que se converteu ao budismo e que governou uma área semelhante à da Índia contemporânea (com exceção do sul), essa religião consolidou-se. Após ter conquistado a região de Calinga pela força, Asoka decidiu que a partir de então governaria com base nos preceitos budistas. O imperador ordenou a construção de hospedarias para os viajantes e que fosse proporcionado tratamento médico não só aos humanos, mas também aos animais. O rei aboliu também a tortura e provavelmente a pena de morte. A caça, desporto tradicional dos reis, foi substituída pela peregrinação a locais budistas. Apesar de ter favorecido o budismo, Asoka revelou-se também tolerante para com o hinduísmo e o jainismo.

Embora o budismo tenha passado por uma verdadeira renovação a partir de 1959, ano em que o Dalai Lama escolhe o exílio, ele parece quase ausente da Índia, a ponto de termos, muitas vezes, de seguir turistas estrangeiros para localizar os lugares santos de antigamente. Nesse percurso, ao longo dos séculos, o budismo suscitou desvios, heresias, seitas.

Sri Lanka E Sudeste Da Ásia

A tradição cingalesa atribui a introdução do budismo no Sri Lanka ao monge Mahinda, filho de Asoka, que teria chegado à ilha em meados do século III a.C.. acompanhado por outros missionários.. Esse grupo teria convertido ao budismo o rei Devanampiya Tissa e grande parte da nobreza local. O rei ordenou a construção do Mahavihara (“Grande Mosteiro” em pali) na então capital do Sri Lanka, Anuradhapura. O Mahavihara foi o grande centro do budismo Theravada na ilha dos séculos seguintes.



Foi no Sri Lanka que, por volta do ano 80 a.C., se redigiu o Cânone Pali, a coletânea mais antiga de textos que refletem os ensinamentos do Buda. No século V, chegou à ilha do monge Budagosa, responsável por coligir e editar os primeiros comentários feitos ao Cânone, traduzindo-os para o pali.

Na Tailândia, o budismo lançou raízes no século VII nos reinos de Dvaravati (no sul, na região de Banguecoque) e de Haripunjaya (no norte, na região de Lamphun), ambos reinos da etnia Mon. No século XII, o povo Tai, que chegou ao território vindo do sudeste da China, adotou o budismo Theravada como a sua religião.

A presença do budismo na península Malaia está atestada desde o século IV, assim como nas ilhas de Java e Sumatra. Nessas regiões, verificou-se um sincretismo entre o budismo Mahaya e o xivaísmo, que está ainda hoje presente em locais como a ilha de Bali. Entre o século VII e o IX, a dinastia budista dos Xailendra governou partes da Indonésia e a península Malaia, tendo sido responsável pela construção de Borobudur, uma enorme estupa que é o maior monumento existente no hemisfério sul. O islamismo à Indonésia no século XIV, trazido pelos mercadores, acabando por substituir o budismo como religião dominante. Atualmente o budismo é principalmente praticado pela comunidade chinesa da região.

China

A tradição atribui a introdução do budismo na China ao imperador Ming de Han (25-220 d.C.), o segundo imperador da dinastia Han do leste. Este imperador teve um sonho no qual viu um ser voador dourado, interpretado por seus conselheiros como uma visão do Buda. O imperador enviou emissários a outros países, a oeste da China, para obter informações sobre a doutrina de Buda.

Independentemente da tradição, o budismo só se espalhou na China nos séculos V e VI com o apoio das dinastias Wei e Tang. Durante este período, estabeleceram-se, na China, escolas budistas de origem indiana ao mesmo tempo em que se desenvolveram escolas próprias chinesas.



Coreia E Japão

O budismo entrou na Coreia no Século IV. Nesta altura, a Coreia não era um território unificado, encontrando-se dividida em três reinos rivais: o reino de Koguryo no norte, o reino de Paekche no sudoeste e o reino de Silla no sudeste. Estes três reinos reconheceriam o budismo como uma religião oficial, tendo sido o primeiro a fazê-lo Paekche (384), seguindo-se o Koguryo (392) e Silla (528). Em 668, o reino de Silla unificou a Coreia sob o seu poder e o budismo conheceu uma era de desenvolvimento. Foi nesse período que viveu o monge Wonhyo Daisa (617-686), que tentou promover um budismo do qual fizessem parte elementos de todas as seitas. No século VIII, foi difundido na Coreia o budismo da escola chinesa Chan, denominado son(ou seon) em coreano e que se tornou a escola dominante. O budismo continuou a florescer durante a era Koryo (935-1392), até que a dinastia Li (1392-1910) favoreceu o confucionismo.

A partir da Coreia e da China, o budismo foi introduzido no Japão em meados do século VI. Em 593, o príncipe Shotoku declarou-o como religião do Estado, mas o budismo foi até à Idade Média um movimento ligado à corte e à aristocracia sem larga adesão popular (os missionários coreanos tinham apresentado à corte japonesa o budismo como elemento de proteção nacional). Durante a era Nara (710-194)-Héian (794-1185), várias seitas de expressão chinesa começaram a implantar-se no Japão. São deste último período a escola Shingon e Tendai (Tien Taí). Durante a era Kamakura (1185-1333), o budismo populariza-se finalmente com as escolas Terra Pura, Nichiren e Zen(chan) nas suas principais vertentes chinesas das escolas Rinzai(Lonji) e Soro (Caodong).

Tibete

No Tibete, o budismo propagou-se em dois momentos diferentes. O rei Srong-brtsan-sgam-po (songsten Gampo c.627-c.650), influenciado pelas suas duas esposas budistas, decidiu mandar chamar ao Tibete monges indianos para ali difundirem a religião. Durante o reinado de Khri-srong-Idé-btsan (trisong Deutsen), construiu-se o primeiro mosteiro budista tibetano e em 747 chegou ao território o notável iogue indiano Padmasambhava, que organizou o budismo tibetano e fundou



a escola hoje conhecida como Nyingma (ou “escola da tradição antiga”, em relação às posteriores escolas estabelecidas por outros professores). Contudo, uma reação hostil da religião nativa, o Bön, levaria ao declínio do budismo nos dois séculos seguintes.

LISTA COM PAÍSES BUDISTAS (% DE BUDISTAS)

1. Camboja (96,4%)
2. Tailândia (95%)
3. Burma (90%)
4. Sri Lanka (70%)
5. Japão (69%)
6. Laos (67% - 96%)
7. Butão (66% - 75% - 94%)
8. Mongólia (50% - 94%)
9. Singapura (42,5 - 51% - 61,1%)
10. Taiwan (35% - 75% - 93%)
11. Malásia (22%)
12. Coreia do Sul (22,8% - 38%)
13. Macau (17% - 50% - 85%)
14. Vietnã (16% - 50% - 85%)
15. Nepal (11% - 21%)
16. Hong Kong (10,1% - 92%)
17. Brunei (9,09%)
18. China (8% - 21% - 80% - 91%)